

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
UMA VIAGEM PELO CINEMA DA ESLOVÉNIA
2 de Outubro de 2021

NA SVOJI ZEMLJI / 1948
("Na Nossa Terra")

Um filme de France Stiglic

Realização: France Stiglic / Argumento: Ciril Kosmac, baseado num romance de sua autoria / Direcção de Fotografia: Ivan Marincek / Cenários: Boris Kobe, Tone Mlakar e Veno Pilon / Guarda-Roupa: Mija Jarc / Música: Marijan Kozina / Som: Franc Kham e Rudi Omota / Montagem: Ivan Marincek / Interpretação: Lojze Potokar (Sova), Franc Presetnik (Stane), Mileva Zakrajsek (Angelca), Stefka Drolc (Tildica), Miro Kopac (Orel), Avgusta Danilova, Majda Potokar, Boris Seseck, Stane Sever, Angela Rakar, Jure Vizjak, Franjo Kumer, Stane Staresinic, etc.

Produção: Triglav Film / Produtor: Janez Jerman / Cópia: digital, preto e branco, falada em esloveno com legendagem em português / Duração: 110 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Na Svoji Zemlji foi a primeira longa-metragem sonora de ficção produzida na Eslovénia e por eslovenos, o que lhe confere um estatuto fundador na cinematografia deste país. A sua produção, em 1948, teve uma dinâmica de esforço nacional, grande empreendimento plenamente consciente, até com alguma solenidade, do carácter fundador da obra que se preparava. France Stiglic, que ainda não tinha 30 anos (nasceu em 1919), realizara dois documentários de curta-metragem logo a seguir à guerra e era visto como o mais promissor realizador de origem eslovena. Foi naturalmente, o escolhido para realizar o filme, com argumento escrito por um dos mais consagrados autores eslovenos, Ciril Kosmac, a partir de um romance de sua autoria.

Tudo se passa na região de Primorska, na zona ocidental da Eslovénia, que foi anexada pela Itália a seguir à I Guerra e assim viveu, sob ocupação, todo o período *inter bellum*. O início do filme de Stiglic coincide com os últimos momentos da ocupação italiana, pouco antes da queda de Mussolini em 1943 propiciar a chegada de novo e muito mais brutal ocupante, o exército da Alemanha nazi.

Com italianos ou alemães como ocupantes, a actividade dos partisanos era já intensa, como aliás acontecia em todo o território da antiga Jugoslávia. No breve intervalo entre a deposição de Mussolini (notícia que as personagens do filme acolhem, de modo geral, com celebração) e a chegada dos alemães, uma unidade de partisanos (onde pontifica Stane, a principal personagem masculina), ocupa a aldeia natal de vários deles, e este acontecimento propicia a base da narrativa, que temporalmente se estenderá até ao momento da libertação definitiva e do fim da guerra.

Se o filme tem várias cenas de acção e de guerra, todas muito bem feitas (meios de produção, e sobretudo, habilidade para os usar, não parecem ter faltado), e é perfeitamente convincente na descrição dos invasores nazis (nunca caricaturais sem perderem um grama da sua brutalidade), nunca se torna apenas num cântico nacionalista. Essas tonalidades são, aliás, mantidas em perfil relativamente baixo – o que talvez se explique pelo facto de a nação eslovena estar inserida dentro de outra entidade política, a Jugoslávia, facto que se coadunaria mal com um registo de gesta nacionalista. Mas o *patriotismo* está lá, como componente fundamental da *anima* das personagens, ainda que sem dar azo a grandes justificações ou teorizações políticas. Quando vemos aquilo que é um dos principais aspectos do filme, o desenho da relação das personagens com a aldeia, com a

natureza circundante, o vínculo não-explicito entre as pessoas e a terra que habitam, lembramo-nos daquela palavra que os alemães têm e que nenhuma outra língua consegue traduzir com rigor: *heimat*. O que na **Svoji Zemlji** verdadeiramente canta, a sua forma de ser “nacionalista”, é exprimir o *heimat* do povo esloveno.

Coisa que ele faz muito bem, por entre as peripécias do curso da guerra e a enorme teia de interesses cruzados, interesses sentimentais e interesses materiais, que alimenta a narrativa. De algum modo, o filme de Stiglic faz um panorama da atitude da população eslovena face à ocupação e ao combate pela liberdade. Os que se juntam aos partisanos, os que não se juntam mas os apoiam; e os que colaboram, por calculismo, com as potências ocupantes e com as milícias que as defendem. E os que, por laços familiares ou de amizade, se encontram divididos entre ambas as facções. Na **Svoji Zemlji** faz equivaler estas diferentes atitudes a uma declinação da “luta de classes”, e, por exemplo, é a grande proprietária rural quem mais lamenta a queda de Mussolini.

O filme abunda em episódios dramáticos de que Stiglic extrai todo o simbolismo trágico, reforçando sempre o vínculo entre as pessoas e o território (a cena com Angelca, que se descalça para caminhar sobre a terra). E, no fim, depois de muitas mortes, emerge a esperança, depositada, com todo o simbolismo, no garoto – a “Pequena Águia” - que encarna a nova Eslovénia e com quem, nos seus derradeiros momentos, o filme fica.

Luís Miguel Oliveira